

## Civilização e violência: a Primeira Guerra Mundial e as teorias de S. Freud e B. Russell

### Civilization and violence: the First World War and the theories of S. Freud and B. Russell

Patrícia de Oliveira Bastos, [bastos.po@gmail.com](mailto:bastos.po@gmail.com)

Orientador: Marcelo Gantus Jasmin

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Submetido em 30/07/2017

Revisado em 02/08/2017

Aprovado em 10/11/2017

**Resumo:** Tomando-se a Primeira Guerra Mundial como uma fissura nos pilares do projeto civilizatório iluminista, o presente artigo buscou analisar os ensaios *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, de Sigmund Freud, e *Porque os homens vão à guerra*, de Bertrand Russell, com o objetivo de abordar as origens não conscientes da Primeira Guerra Mundial, atentando para o uso que cada um dos autores fez da ideia de impulso/pulsão e buscando comparar o uso desse conceito-chave pelos referidos autores.

**Palavras chave:** impulso; pulsão; Sigmund Freud; Bertrand Russell.

**Abstract:** Considering the First World War as a fissure in the pillars of the Enlightenment civilizational project, this article sought to analyze the essays *Thoughts for the Time of War and Death*, by Sigmund Freud, and *Why Men Fight*, by Bertrand Russell, with the objective of approaching the non-conscious origins of World War I, considering the use that each of the authors made of the idea of impulse / drive and trying to compare the use of this key concept by the author..

**Keywords:** impulse; instinct; Sigmund Freud; Bertrand Russell.

## Introdução

A presente pesquisa compõe parte do projeto “Conceito de violência política: a teoria política e a Primeira Guerra Mundial”, coordenado pelo prof. Dr. Marcelo Jasmin, diretor do departamento de História da PUC-Rio. Tal projeto parte da hipótese de que as experiências vividas no início do século XX, em particular (mas não somente) a Grande Guerra (1914-1918), alteraram uma autorreferência humana produzida pela modernidade europeia, em particular por várias de suas vertentes iluministas, que supunha que a humanidade vivia um processo civilizatório sem fim que extirparia, ou pelo menos tornaria completamente marginal, o uso da violência para a resolução de conflitos políticos.

Dessa maneira, o trabalho se desenvolveu no sentido de investigar e comparar o uso que dois autores fizeram de termos muito semelhantes em suas reflexões sobre a Primeira Grande Guerra – a saber, pulsão e impulso. O primeiro foi empregado por Sigmund Freud, médico e psicanalista austríaco, e o segundo foi utilizado por Bertrand Russell, filósofo e lógico da matemática inglês. O principal objetivo foi identificar se esse (suposto) vocabulário comum representaria alguma alteração de paradigma de auto-percepção europeia.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial envolvendo, de um lado, Reino Unido, Império Russo e França, e, do outro, Império Alemão e Império Áustro-Húngaro, produziu uma espécie de fissura nos pilares do projeto civilizacional de Europa concebido pelos ideais iluministas ao longo do século XVIII. O que causava estranheza não era que ainda ocorressem guerras, mas que um conflito de tal magnitude rompesse justamente entre as grandes nações europeias, que se consideravam as detentoras, por excelência, dos valores culturais, filosóficos, artísticos e científicos da época.

Por outro lado, houve, de fato, uma forte mobilização em direção à guerra, o que inclusive contribuiu para que o conflito tomasse proporções inimagináveis para a época. A partir disso, elaboraram-se teorias que procuravam explicar o aparente paradoxo contido na eclosão de uma guerra sangrenta e devastadora entre povos tidos como altamente civilizados. Os textos e autores abordados a seguir se inserem nesse conjunto de ideias e debates.

### **Aporte teórico-metodológico**

Num primeiro momento, realizou-se uma breve leitura das obras *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915), de Sigmund Freud, e *Por que os homens vão à guerra* (1916), de Bertrand Russell. A partir disso, observou-se que, ao refletirem sobre a Grande Guerra e as motivações que teriam levado os homens europeus ao combate, tanto Freud quanto Russell mobilizaram um vocabulário muito semelhante, fazendo uso da ideia de pulsão e impulso como forças de uma dimensão não-consciente do homem, e que teriam forte influência sobre suas ações no mundo. Além disso,

O segundo movimento consistiu numa análise da trajetória intelectual de Freud e de Russell, atentando para a formação acadêmica e as possíveis influências de cada um dos autores. Tal procedimento procurou seguir a perspectiva de Quentin Skinner (2002) no sentido de buscar contextualizar um autor e suas ideias em seu próprio tempo e espaço. Entretanto, faz-se necessário admitir que diversos expedientes propostos por Skinner não puderam ser cumpridos; em parte por limitações oriundas da própria natureza da pesquisa, em parte pelo fato de a pesquisadora não ter domínio da língua alemã, que, certamente, abriria diversos canais de acesso aos primeiros leitores de Freud.

### ***Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915)**

O ensaio *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* foi redigido e publicado por Sigmund Freud no início do ano de 1915, cerca de seis meses após o início da guerra. O trabalho é subdividido em duas seções: na primeira delas, o autor se dedicou a discorrer sobre a desilusão provocada pela guerra, e, na segunda, sobre a mudança de atitude dos europeus em relação à morte. Neste trabalho, analiso de modo mais detido a primeira parte do texto, que trata justamente sobre a questão da desilusão.

A exposição se inicia com a tentativa declarada do autor de explicar a miséria anímica dos não-combatentes diante daquela guerra – porque, de uma forma ou de outra, os europeus estavam preparados para que a humanidade se visse ainda enredada em guerras, mas não entre as “grande nações da raça branca, dominadoras do mundo, às quais coube a direção da humanidade” (FREUD, 2009, p. 5). Assim, o desapontamento não parecia advir da guerra

enquanto fenômeno em si, mas do fato de ter eclodido justamente entre nações altamente civilizadas que, em tempos de paz, haviam criado uma espécie de comunidade supranacional pela qual o homem europeu podia transitar livremente e sentir-se sempre à vontade (FREUD, 2009, p. 6-7).

Essa comunidade, é verdade, não abrangia toda a Europa. Restringia-se aos Estados que haviam obtido êxito em fazer com que seus cidadãos renunciassem à violência como principal forma de solução de conflitos e em cujo interior as relações se pautavam por elevadas normas morais<sup>1</sup>. Todo este conjunto criara a ilusão de que, mesmo que houvesse de acontecer uma guerra entre os membros dessa comunidade civilizada, o conflito se assemelharia a um “rencontro calhareiresco” e se limitaria a reconhecer a superioridade de uma das partes. Contudo, quando a guerra finalmente estourou, em nada se assemelhava a estas expectativas:

A guerra, em que não queríamos acreditar, estalou e trouxe consigo a decepção. Não só é mais sangrenta e mais mortífera do que todas as guerras passadas, por causa do aperfeiçoamento das armas de ataque e de defesa, mas, pelo menos, tão cruel, exasperada e brutal como qualquer uma delas. Infringe todas as restrições a que os povos se obrigaram em tempos de paz – o chamado Direito Internacional –, não reconhece nem os privilégios do ferido e do médico, nem a diferença entre o núcleo combatente e o pacífico da população, e viola o direito da propriedade. Derruba, com cega cólera, tudo o que lhe aparece pela frente, como se depois dela já não houvesse de existir nenhum futuro e nenhuma paz entre os homens. Desfaz todos os laços da solidariedade entre os povos combatentes e ameaça deixar atrás de si uma exasperação que, durante longo tempo, impossibilitará o reatamento de tais laços (FREUD, 2009, p. 8).

---

<sup>1</sup> Para exemplos e maior detalhamento sobre esse processo, ver os dois volumes de *O Processo Civilizador*, de Norbert Elias.

Para onde fora o alto nível cultural desses homens? E sua consciência moral? Para Freud, esses dois elementos são resultado de “angústia social”, ou seja, das exigências do corpo social sobre o comportamento dos indivíduos, e que produzem apenas mudança superficiais, incapazes de alterar a natureza humana, constituída, em sua essência, por

[...] impulsos instintivos de natureza elementar, iguais em todos e tendentes à satisfação de certas necessidades primordiais. Estes impulsos instintivos não são em si nem bons nem maus. Classificamo-los, e classificamos as suas manifestações segundo a sua relação com as necessidades e as exigências da comunidade humana (FREUD, 2009, p. 10).

Aqui, é importante apontar que o presente trabalho considera a nomenclatura “impulsos instintivos” como parte do caminho percorrido por Freud na tentativa de definição epistemológica de sua teoria das pulsões, iniciada de forma mais sistemática em *As pulsões e seus destinos*. Por isso, escolhe-se adotar o termo pulsão para discutir as próximas passagens do texto freudiano, ciente das discussões e divisões que o termo provoca.<sup>2</sup>

Nesse sentido, Freud afirma que as demandas da sociedade civilizada não levavam em conta esse fundamento pulsional, e que a constante elevação das exigências morais teria levado as pessoas a viverem, do ponto de vista psicológico, muito acima de seus meios. Dessa forma, a decepção com a conduta incivilizada durante a guerra revelava-se, na verdade, injustificada – “na realidade, tais homens não caíram tão baixo como temíamos, porque também

---

<sup>2</sup> Sobre essas discussões, ver *As palavras de Freud*, de Paulo César de Souza, e o ensaio “Sobre a tradução do vocábulo *Trieb*”, de Pedro Heliorodo Tavares, contido na edição bilíngue de *As pulsões e seus destinos* da editora Autêntica. Acrescenta-se também que, apesar da preferência da tradução de *Trieb* por “pulsão”, a vertente inglesa prefere traduzir o vocábulo por “instinct”, o que justifica a escolha desse termo para as palavras-chave.

não tinham subido tão alto, como a seu respeito julgávamos” (FREUD, 2009, p. 15).

### ***Por que os homens vão à guerra (1916)***

As ideias de Russell contidas neste livro começaram a tomar forma em uma série de palestras sobre Princípios de Reconstrução Social (título original da obra) redigidas ao longo de 1915 e proferidas em Londres no ano de 1916. No final do mesmo ano, foram reunidas e publicadas como um livro. Nos Estados Unidos, o título foi alterado para *Why Men Fight*.

Segundo o próprio autor, o que ele se propôs a fazer foi todo um reexame dos fundamentos teóricos da política, analisando as raízes do comportamento social, intelectual e emocional, num esforço de modificar o racionalismo da tradição liberal em favor de uma teoria psicológica do impulso. De acordo com ele: “Meu intuito é propor uma filosofia da política baseada na crença de que o impulso tem mais efeito do que o propósito consciente na modelagem da vida dos homens” (RUSSELL, 2014, p. 1).

Nesta obra, Russell discorre sobre as diversas instituições que precisam ser modificadas em favor do princípio do crescimento de homens e mulheres e do estímulo dos impulsos corretos na vida dos indivíduos e comunidades. Nos capítulos em que trata mais diretamente da guerra, Russell aponta que a mesma não nasce da razão nem do desejo, mas da própria natureza humana. Segundo o autor, essa natureza seria governada antes pelos impulsos do que por propósitos conscientes. De acordo com ele,

Toda atividade humana jorra de duas fontes: impulso e desejo. O desejo governa apenas uma parte da atividade humana – e não se trata nem sequer da parte mais importante, mas tão somente da mais consciente, explícita e civilizada (RUSSELL, 2014, p.6).

Nesse sentido, Russell afirma que uma vida que procura reprimir os impulsos, submetendo-os ao controle total da vontade, é “fatigante”, e que as consequências em longo prazo, tanto para o indivíduo quanto para uma nação inteira, seriam a produção de novos impulsos, piores em seus efeitos do que aqueles que já foram reprimidos. A disciplina excessiva, portanto, resultaria em

impulsos de crueldade e destruição - o que certamente nos recorda daquilo que Freud pondera a respeito das imposições da civilização obrigarem exigências morais muito acima dos meios possíveis para os homens.

### Considerações finais

Apesar de trilharem percursos argumentativos muito semelhantes, os dois autores possuem diferenças significativas em seus trabalhos, a começar pela rigorosa sistematização almejada por Freud, formado numa tradição que primava pela exatidão, em contraponto com a escrita supostamente despreocupada de Russell, que sequer considerava este trabalho como uma obra de filosofia<sup>3</sup>.

Além disso, é inegável que, na sua economia dos impulsos, Russell estabelece valores positivos e negativos aos mesmos, inclusive orientando o que deveria ser modificado na sociedade e nas instituições para que o resultado final fosse “lucrativo”. Freud, por sua vez, passou anos elaborando e reelaborando sua teoria das pulsões, parecendo preocupar-se mais em poder conhecer as sutilezas e “zonas cinzentas” inerentes a essa fronteira do que em elaborar uma cartilha ética que procurasse fortalecer as pulsões “corretas” nos indivíduos. – para ele, a “saída” parece ser antes a sociedade civilizada dar-se conta do mal-estar que necessariamente provoca e, a partir desse ponto, demandar do homem apenas aquilo que não force sua natureza para além do que é possível suportar.

### Referências

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a guerra e a morte**. Trad. Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. (Textos Clássicos de Filosofia). Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/freud\\_sigmund\\_da\\_guerra\\_e\\_da\\_morte.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/freud_sigmund_da_guerra_e_da_morte.pdf).

\_\_\_\_\_. **As pulsões e seus destinos**. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 2).

---

<sup>3</sup> Sobre essa discussão, ver o artigo “Bertrand Russell: Moral Philosopher or Unphilosophical Moralist?”, de Charles Pidgen em *The Cambridge Companion to Bertrand Russell*.

GRIFFIN, Nicholas (ed.). **The Cambridge Companion to Bertrand Russell**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

RUSSELL, Bertrand. **Por que os homens vão à guerra**. Trad. Renato Prelorenzou. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SKINNER, Quentin. **Visions of politics**. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.